

LÍVIA HENRIQUE ALBUQUERQUE

**Preposições em Editoriais:
Um olhar sobre a Imprensa Paulista do início do século XX**



Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosane A. Berlinck

**ARARAQUARA - SP
2010**

LÍVIA HENRIQUE ALBUQUERQUE

**Preposições em Editoriais:
Um olhar sobre a Imprensa Paulista do início do século XX**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito ao Bacharelado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosane A. Berlinck

**Araraquara – SP
2010**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. Lingüística Histórica e a Teoria da Variação e Mudança	7
2. As Preposições	9
2.1. Das Preposições <i>a, para, em e até</i>	10
3. Textos Jornalísticos como <i>Corpus</i> de Análise	12
3.1. Gênero Textual.....	13
3.1.1. Tipos Textuais.....	14
3.2. Os Gêneros Jornalísticos.....	14
3.2.1. O Gênero Editorial	14
3.2.2. O Gênero Notícia	15
4. METODOLOGIA	17
4.1. Variável dependente e Grupo de fatores	17
4.2. Material.....	18
4.2.1. <i>O Combate</i>	19
4.2.2. <i>O Estado de São Paulo</i>	22
4.2.3. <i>Getulino</i>	24
5. ANÁLISE DOS DADOS	26
5.1. Quanto aos <i>Tipos de Predicador</i>	27
5.1.1. <i>O Combate</i>	27
5.1.2. <i>O Estado de São Paulo</i>	27

5.1.3. <i>Getulino</i>	28
5.2. Quanto à <i>Natureza do Complemento</i>	29
5.2.1. <i>O Combate</i>	29
5.2.2. <i>O Estado de São Paulo</i>	30
5.2.3. <i>Getulino</i>	31
5.3. Combinação entre os <i>tipos de predicador e a natureza do complemento</i>	32
5.3.1. <i>O Combate</i>	32
5.3.1.1. Casos desconsiderados – <i>O Combate</i>	34
5.3.2. <i>O Estado de São Paulo</i>	35
5.3.2.1. Casos desconsiderados – <i>O Estado de São Paulo</i>	36
5.3.3. <i>Getulino</i>	37
5.3.3.1. Casos desconsiderados – <i>Getulino</i>	39
5.4. Discussão	41
Considerações Finais.....	43
Referências Bibliográficas.....	44

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>O Combate</i>	21
Figura 2: <i>O Estado de S. Paulo</i>	23
Figura 3: <i>Getulino</i>	25
Figura 4: Resultado Geral	26
Figura 5: <i>O Combate</i> – O uso das preposições em relação ao <i>Tipo de Predicador</i>	27
Figura 6: <i>O Estado</i> – O uso das preposições em relação ao <i>Tipo de Predicador</i>	28
Figura 7: <i>O Getulino</i> – O uso das preposições em relação ao <i>Tipo de Predicador</i>	29
Figura 8: <i>O Combate</i> – O uso das preposições segundo à <i>Natureza do Complemento</i>	29
Figura 9: <i>O Estado</i> – O uso das preposições segundo à <i>Natureza do Complemento</i>	30
Figura 10: <i>Getulino</i> – O uso das preposições segundo à <i>Natureza do Complemento</i>	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Passagem das preposições do latim para o português	9
Tabela 2: Frequência de uso da preposição <i>a</i> segundo o <i>tipo de predicador</i> e à <i>natureza do complemento</i> nos editoriais d’ <i>O Combate</i>	32
Tabela 3: Frequência de uso da preposição <i>a</i> segundo o <i>tipo de predicador</i> e à <i>natureza do complemento</i> nos editoriais d’ <i>O Estado de S. Paulo</i>	35
Tabela 4: Frequência de uso da preposição <i>a</i> segundo o <i>tipo de predicador</i> e à <i>natureza do complemento</i> nos editoriais <i>O Getulino</i>	37

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como base a teoria da Variação e Mudança Lingüísticas (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001), que concebe a língua como uma realidade heterogênea, onde cada variedade resulta de peculiaridades sociais, históricas e culturais da comunidade de fala. Partindo destes pressupostos, tomamos como *corpora* exemplares dos jornais paulistas *O Combate*, *O Estado de São Paulo* e *Getulino* considerando que tais escritos constituem uma rica fonte para a investigação lingüística e possibilitam recuperar o funcionamento da língua em outro momento histórico.

Nosso estudo pretende investigar e descrever a variação no uso das preposições *a*, *para*, *em* e *até* em complementos de predicadores de *direção*, *movimento com transferência* e de *transferência (material e verbal)* (cf. BERLINCK 1996) em textos de natureza editorial publicados nos jornais selecionados durante as primeiras décadas do século XX. Os exemplos a seguir ilustram as alternâncias que pretendemos investigar: “Os brasileiros dirigiram uma petição ao congresso nacional” (*direção*); “Um grande número de escravos foi transportado ao Brasil” (*movimento com transferência*); “Todos os dias atirava quirela aos pombos” (*transferência material*); “Os médicos disseram aos jornalistas que não voltariam ao trabalho” (*transferência verbal*).

Nosso interesse em tais partículas se justifica pela importância que elas possuem para o estabelecimento de relações sintático-semânticas no nível da sentença e, também, pelo fato de que muitos estudos revelam que esses elementos estão sujeitos a processos de variação e mudança, sendo a investigação de tais processos de grande significação para o estudo da história da língua (cf. BERLINCK & BUENO 2008).

Assim, procuramos identificar quais preposições introduzem os complementos selecionados, descrever o uso e frequência dessas preposições e apontar quais fatores interferem no emprego de uma ou outra variante. Também pretende-se fazer, entre os editoriais d’*O Combate*, d’*O Estado de São Paulo* e do *Getulino*, uma comparação dos resultados da análise dos textos deste gênero textual, procurando definir quais características próprias da Grande Imprensa e da Imprensa Negra influenciam na maior ou menor tendência a ocorrer variação.

Com isso buscamos determinar em que medida o emprego das preposições estudadas nos editoriais revela padrões diferentes de uso em função de especificidades ligadas a esse gênero textual e às características de cada jornal.

1. LINGÜÍSTICA HISTÓRICA E A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

De acordo com Faraco (2005), as línguas humanas mudam no decorrer do tempo, mas não perdem seu caráter sistêmico e sua plenitude estrutural. As mudanças ocorrem lenta e gradativamente, atingindo sempre partes e não o todo da língua. A disciplina da Lingüística que investiga esse caráter dinâmico da língua é a Lingüística Histórica.

A Lingüística Histórica tem sua origem no século XVIII quando surgiu a idéia de uma vasta família das línguas indo-européias com um único antepassado comum. Foi durante o século XIX que essa ciência se desenvolveu, destacando-se a lingüística comparativa que estuda a origem dos idiomas e busca identificar as muitas mudanças que culminaram na fragmentação de uma língua em vários idiomas distintos.

Durante a primeira metade do século XX, as reflexões sobre a linguagem passaram a ser dominadas por uma visão estruturalista que concebia a língua como uma realidade estável formada por regras invariáveis. A Lingüística, reconhecida desde então como ciência, nasce centrada na dicotomia *langue* (sistema formal que coordena os eventos de fala) e *parole* (discurso ou eventos de fala) e, sem considerar a evolução histórica da língua.

É dito sincrônico o estudo que trata das características da língua num espaço de tempo aparentemente fixo e, diacrônico o estudo que se centra nas mudanças, trata dos termos sucessivos que substituem uns aos outros no decorrer do tempo. No entanto a abordagem estruturalista é mais sincrônica, ficando de lado a diacronia, com a conseqüente exclusão de questões como heterogeneidade, variação e mudança.

Com o desenvolvimento da Sociolingüística a partir da década de 1960, área da Lingüística que trata da covariação entre fenômenos lingüísticos e sociais, retoma-se a abordagem da língua como uma realidade não-estática. A Sociolingüística parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.

A Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG 1968; LABOV 1972, 1994, 2001) correlaciona língua e sociedade, entendendo a língua como uma realidade heterogênea com aspectos multiformes que refletem as características da comunidade de fala. Cada variedade resulta das peculiaridades históricas, socioculturais e ideológicas de tal comunidade. Seus membros são falantes de ambos os sexos, diferentes faixas etárias e pertencentes a extratos sociais diferentes e é natural que essas diferenças influenciem na forma como cada um se expressa.

Alguns itens lexicais são mais propensos a mudar, porém a mudança pode ocorrer em qualquer parte da língua, desde aspectos da pronúncia até mudanças morfológicas, sintáticas, lexicais, etc. Nem toda variação na estrutura lingüística implica em mudança, porém toda mudança pressupõe variação. Sobre isso, Naro afirma que:

[...] as línguas exibem inovações mantendo-se, contudo coesas: de um lado, o impulso à variação e possivelmente à mudança; de outro, o impulso à convergência, base para a noção de comunidade lingüística, caracterizada por padrões estruturais e estilísticos. Assim as línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de forma a exibir unidade em meio à heterogeneidade. [...] a variação é estruturada de acordo com as propriedades sistêmicas das línguas e se implementa porque é contextualizada com regularidade (NARO in MOLLICA & BRAGA 2004, p. 12).

Viegas (2008) assinala que o que indica a possível mudança é o uso mais freqüente de uma variante em contraste com o padrão linear. A mudança se inicia com a generalização de uma variante particular. Ela passa de dado subgrupo para toda a comunidade de fala. Por isso, na sociolingüística variacionista, o objeto de análise lingüística deixa de ser a língua e passa a ser a (*gramática da*) *comunidade de fala* por seu caráter essencialmente heterogêneo.

O emprego de uma ou outra variante é influenciado por *grupos de fatores*, que podem ser de natureza lingüística (sintáticos, semânticos, discursivos, lexicais, etc.) ou de natureza extralingüística (inerentes ao indivíduo, sociais e contextuais). São os grupos de fatores que determinam o maior ou menor prestígio das formas variantes, influenciando na sua freqüência e uso.

2. AS PREPOSIÇÕES

Consensualmente dizemos que as preposições do português se originam no latim (prepositione) e significam ‘posicionar à frente’. No latim clássico as funções sintáticas dos elementos nominais entre os elementos da oração eram marcadas por flexão de caso. As preposições também exerceriam essa função, mas com um papel secundário, usadas para dar maior ênfase.

Com a neutralização dos casos, as preposições passaram a assumir um papel primordial na organização gramatical das sentenças. Como afirma Teyssier,

A declinação nominal simplifica-se e acaba por desaparecer: sobrevivem apenas duas formas oriundas do acusativo latino, um para o singular e outro para o plural. As relações que o latim exprimia pelas desinências casuais são agora expressas por preposições ou pela colocação da palavra na frase (TEYSSIER 2004, P.19).

De acordo com Said Ali (1971, p. 203), a passagem das preposições do latim para o português pode ser ilustrada da seguinte forma:

Preposições que passaram para o português sem alterar sua forma:			
<i>ante</i>	<i>contra</i>	<i>de</i>	<i>per</i> ¹
Preposições que passaram para o português com suas formas modificadas:			
<i>ad</i> > <i>a</i>	<i>inter</i> > <i>antre, entre</i>	<i>pro</i> > <i>por</i>	<i>sub</i> > <i>sob</i>
<i>post</i> > <i>pós</i>	<i>sine</i> > <i>sem</i>	<i>secundum</i> > <i>segundo</i>	<i>super</i> > <i>sobre</i>
<i>cum</i> > <i>com</i>	<i>trans</i> > <i>trás</i>	<i>in</i> > <i>em</i>	<i>tenus</i> > <i>até</i> ²

Tabela 1: Passagem das preposições do Latim para o Português

De acordo com Cunha & Cintra (2001, p. 555), preposições são “palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (conseqüente)”.

Algumas das principais relações semânticas estabelecidas por meio das preposições são: destino (*Irei para casa*); modo (*Chegou aos gritos*); lugar (*Jantou em casa*); assunto (*Li*

¹ A preposição latina *per* não ficou entre nós como preposição.

² O autor não precisou sua origem, porém apresentou-nos duas possibilidades: *tenus* > *ataa, até, té* ou *tenus* teria origem na partícula árabe *hatta*.

uma revista sobre esportes); tempo (*O ônibus partirá em cinco minutos*); causa (*Ele morreu de parada cardíaca*); posse (*Aquele anel é da nova coleção*); finalidade (*Corri para pegar o trem*); meio (*Viajarei de barco*); origem (*Os turistas vieram da Itália*); e oposição (*Esse comércio é contra a lei*).

As preposições podem apresentar-se tanto na forma simples – expressas apenas por um vocábulo, preposições essenciais –, quanto na forma composta – constituídas de dois ou mais vocábulos (locuções prepositivas). Também ocorrem preposições acidentais, em que palavras de outras classes gramaticais aparecem como preposições (*exceto, durante, fora, etc.*). Mateus *et alii* refletem que:

Tanto preposições como locuções prepositivas são palavras invariáveis, não flexionadas, o que as aproxima dos advérbios e das conjunções. [...] tanto uma como outras são categorias lexicais, porque selecionam complementos e estão-lhes associados valores semânticos (MATEUS *et alii* 2003, p. 392).

2.1 Das preposições *a, para, em e até*

Focalizamos mais detidamente as preposições que são objeto do presente estudo.

A preposição *para* estabelece, em geral, relações de direção, destino, finalidade ou meta, com predominância nos casos de finalidade.

De acordo com Câmara Jr. (1975), a preposição *para* marcava, inicialmente, “um percurso com direção definida”, passando, em português, a marcar a noção de chegada e permanência – *ir para Paris* – opondo-se à preposição *a*, que possui significado geral de direção – *ir a Paris*. Já Bechara (1999) defende que *para* indica direção associada à idéia de destino ou demora. Sobre essas preposições, Said Ali aponta para a variação, pois,

[...] sendo a diferença tão difícil de perceber que os casos de regência fixa, em que certos verbos e adjetivos se constroem uns sempre com *a* e outros sempre com *para*, não se explicam senão pelo capricho do uso. Compete ao dicionário, e não à gramática, particularizá-los. Evidentemente, apresentam-se casos em que o uso vacila. Assim, ao mesmo tempo em que se diz *partir para algum lugar*, dando ao complemento sempre a mesma preposição, junto a *ir, caminhar, fugir*, sinônimos de *partir*, é lícito optar entre *a* e *para* (ALI 1971 p. 216).

A preposição *a* possui significados semânticos de direção e transferência, mas com idéia geral de término do movimento (*Foi à Europa*).

De acordo com a perspectiva de Mateus *et alii* (2003), *a* introduz objeto indireto (*Enviar ao jornal*), além de compor locução adverbial (*a pé; a cavalo; às vezes*), e locução prepositiva (*a fim de; junto a; a respeito de*). É usada em sua maioria para indicar meta no sentido de beneficiário (*Deu um colar à esposa*), lugar como meta (*Foi à Bahia*), tempo (*Inaugurou-se a quatro de junho o novo clube da cidade*) e também aparece em certas “perífrases verbais” com valor aspectual que exprimem idéia de duração (*Ela anda a trabalhar muito* – uso tipicamente português).

A preposição *em* introduz objeto indireto (*Confio em Deus*), compõe locuções adverbiais (*em dia; em seguida*), locuções adjetivas (*em cores; em atraso*), e locuções prepositivas (*Dentro em*). Possui, em geral, valor semântico de lugar (*Estava em casa*) e tempo (*Chegou em quinze minutos*), mas também pode introduzir complementos com valor de modo (*Vamos resolver isso na viola*) e estado (*Isto é ouro em fio*) entre outros. Bechara (1999) enumera alguns outros valores semânticos associados a *em* – mudança de estado e preço.

Segundo Mateus *et alii* (2003), *em* marca argumentos de verbos preposicionados juntamente com outros predicadores (liga-se aos verbos de localização, mas a marcação de um dos argumentos como locativo só ocorre quando está presente uma preposição como *em* ou uma locução prepositiva como *em cima de*, por exemplo, *Ela colocou os livros em cima da estante*), podendo, também, ser o item predicativo da sentença (*em* aparece como núcleo do sintagma preposicional que constitui o predicativo do sujeito, com o verbo *estar*, por exemplo, *Ela está em casa*).

A abordagem de Neves (2000) defende que a preposição *em* funciona tanto no sistema de transitividade – introduz complementos verbais – quanto fora dele – introduz predicativo, participa de expressões fixas como *dar em nada*, introduz orações adverbiais e estabelece relações semânticas nos sintagmas verbal e nominal.

Outra preposição do nosso interesse é *até*. Ela possui uma significação intrínseca de limite final (*Correu até cansar*), limitação no espaço (*chegar até a janela*), limitação no tempo (*até 20 de maio*), e pode aparecer também com valor semântico de inclusão (*respiravam e até transpiravam*).

Nosso interesse nessas partículas se explica pelo fato de que:

[...] vários estudos têm constatado que esses elementos estão sujeitos a processos de variação e mudança, que podem chegar ao apagamento, à substituição de preposições ou à especialização de sentidos. Dada à relevância estrutural das preposições, a investigação de tais processos se reveste de grande significação para o estudo da história da língua (BERLINCK & BUENO 2008, p. 7).

3. TEXTOS JORNALÍSTICOS COMO *CORPUS* DE ANÁLISE

Tomamos como *corpus* textos jornalísticos do início do século XX, considerando que tais escritos constituem uma rica fonte para a investigação lingüística e que possuem aspectos sociais relevantes, já que a observação e análise de tais periódicos levam ao conhecimento histórico e social de sua época e permitem recuperar o funcionamento da língua em outro momento histórico. Gomes (2005, p. 87) acredita que:

É fácil perceber que uma língua está em constante mudança quando são observados comparativamente [...] textos de épocas diferentes. Sem dúvida, o curso histórico de um texto pode revelar mudanças lingüísticas. Do mesmo modo, de forma mais sistemática, a abordagem histórica dos textos demonstra o contínuo das mudanças e das permanências em diversos níveis de composição das tradições discursivas. Isso revela que o estudo histórico do texto (uso) para a língua (sistema) e da língua para os textos são complementares (GOMES 2005, p. 87).

Luca (2008) afirma que o período que vai do final do século XIX e início do seguinte foi marcado pelo final da escravidão, instauração do regime republicano, crescimento dos centros urbanos, entrada dos imigrantes europeus, extensão da malha ferroviária, e outras circunstância que favoreciam a circulação da informação. Houve avanços técnicos no processo industrial, divisão e especialização do jornal, mas isso não implicou na eliminação das pequenas tipografias, nem na transferência imediata de equipamentos obsoletos para novas máquinas. Houve também inovações no conteúdo dos jornais. Nesse contexto,

Sem abandonar a luta política, os diários incorporaram outros gêneros, como notas, reportagens, entrevistas, crônicas. [...] Aos poucos delineava-se a distinção entre matéria de caráter informacional ou propriamente jornalística, supostamente neutra e objetiva, e o texto de opinião, que tomava posição e defendia idéias e valores (LUCA 2008, p. 152).

Como se percebe, o jornal apresenta uma constituição heterogênea, que sabemos deve ser levada em conta no trabalho com esse tipo de fonte documental. Acredita-se que essa diversidade se reflete em uma correspondente diversidade lingüística. Por isso, a análise da variação e possíveis processos de mudança passa necessariamente nesse caso, pela consideração de uma tipologia textual que permita distinguir os gêneros (ou subgêneros) componentes do jornal.

3.1 Gênero Textual

Entendemos que “[...] os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. [...] os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia” (MARCUSCHI 2005, p. 19). Assim,

Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*. Em outros termos, partimos da idéia de que a comunicação verbal só é possível por algum *gênero textual*. [...] Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva (MARCUSCHI 2005, p. 19).

Gêneros textuais são fenômenos discursivos caracterizados por serem atividades sociais influenciadas por aspectos históricos e culturais. A comunicação social é tão ampla e variada que para cada tipo de mensagem, enunciador e enunciatário há um gênero diferente responsável por sua (co)ordenação e veiculação.

Conforme Luca (2008), desde que surgiu a linguagem escrita por volta de VII a.C., eles se multiplicaram significativamente, até que lhes deu um novo impulso o advento da imprensa no século XV, que permitia a produção, circulação e divulgação de informações de forma mais ágil e rápida, propiciando também o aparecimento cada vez mais rápido de novos gêneros textuais que expressassem a forma de pensar e agir de cada sociedade de forma mais específica. Entretanto, os gêneros não são estáticos, mas sim dinâmicos, uma vez que são o resultado de práticas culturais ou mesmo práticas culturais em si. Portanto, com o surgimento de tecnologias de comunicação (a partir do século XVIII), surgem novas práticas culturais e, assim, novos gêneros textuais.

Entende-se por gênero textual a materialização das características sócio-comunicativas em textos (e elas são inúmeras).

A comunicação verbal é uma atividade regida por fatores histórico-sociais e pela cognição humana. Portanto, a língua não deve ser estudada apenas por uma perspectiva formalista e estruturalista – posto que não é um objeto –; ela deve ser encarada principalmente por um ponto de vista interativo e funcional – pois ela é uma realidade (presente no nosso cotidiano). Como afirma Marcuschi (2005, p. 03) “[...] a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade” e “[...] os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo”.

3.1.1 Tipos Textuais

A noção de *tipo textual* muitas vezes confunde-se com a de *gênero textual*. Diferentemente dos gêneros, os tipos não são realidades, mas meras teorizações limitadas em cinco categorias (*narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*) e caracterizam-se por possuírem uma natureza lingüística predominante em sua composição, mas não se trata de textos e sim de seqüências que compõem os textos. Um texto pode ter vários tipos por conter várias seqüências (interligadas entre si).

3.2 Os Gêneros Jornalísticos

Conforme verifica Adair Bonini (2003), na literatura da área de comunicação não há um consenso em relação à nomenclatura dos gêneros jornalísticos e a distinção entre um e outro muitas vezes é um tanto confusa ou pouco objetiva. Em sua pesquisa, Bonini realiza um levantamento de dados acerca da literatura da área de comunicação sobre os gêneros e verifica que nesse campo científico “a noção de gênero é pouco precisa e que há grande divergência nos rótulos citados”. (*Ibid* p. 205). Por isso é imprescindível para os fins desta pesquisa o estudo de Bonini sobre os gêneros do jornal e o tratamento dado a essa questão pela comunidade acadêmica da área de comunicação.

A abordagem metodológica de Bonini segue a tradição etnográfica orientada pelos conceitos bakhtinianos segundo os quais o gênero não se desvincula de seu contexto sócio-cultural e histórico, mas é produto dele. Portanto, o autor avalia a conceituação dos gêneros constituintes dos jornais a partir dos contextos situacionais em que estão inseridos, mas sem desconsiderar que os gêneros são realidades lingüísticas e para tal considera-lhes também a estrutura discursiva.

3.2.1 O Gênero Editorial

No levantamento sobre o modo como os gêneros jornalísticos são tratados, interessa para esta pesquisa o conceito de *gênero editorial*, tratado como uma subdivisão do *hipergênero jornal*. Segundo Bonini (2003), nos manuais de ensino de jornalismo o editorial

aparece como um dos quatro gêneros mais citados; porém, nesses manuais didáticos os gêneros são entendidos como fixos e delimitáveis, passíveis de ser construídos com base em certas técnicas.

Ainda de acordo com Bonini, o editorial é classificado como jornalismo opinativo e, em certos autores, como Chaparro *apud* Bonini, o editorial nem é considerado como gênero (pelo menos não aparece em sua lista). Bonini cita, ainda, a classificação de outros autores, como Medina *apud* Bonini, para quem o editorial é um *formato* que pertence ao gênero *opinativo* (totalmente subjetivo, com opiniões de colaboradores e editores) da categoria *jornalismo*, inserida na modalidade *periodística* (jornal e revista).

No levantamento feito por Bonini, o editorial aparece nos manuais de estilo (O Estado de S. Paulo; O Globo; Folha de S. Paulo) e nos dicionários de comunicação como um gênero central preso: centrais “são aqueles que estão diretamente relacionados à organização e aos principais objetivos sociais/comunicacionais do jornal (relatar e analisar acontecimentos)” (*Ibid* p. 221); presos “são aqueles que estruturam o jornal” (*Ibid* p. 221). O autor afirma, ainda, que “estas divisões não são entendidas como categorias que explicam o gênero diretamente, mas o processo social e de linguagem em que ele está envolvido. Tenta-se, desse modo, descrever o gênero pelo modo como ele funciona no jornal” (*Ibid* p. 222).

Em nosso estudo levamos em conta algumas características do gênero editorial segundo a classificação de Bonini para identificar em nosso *corpora* os textos que mais se aproximavam dessa definição.

3.2.2 O Gênero Notícia

Embora este trabalho não investigue o gênero notícia é importante conceituá-lo, pois entre os jornais *O Estado de São Paulo* e *O Combate* há uma linha tênue que diferencia as notícias dos textos que preenchem a função de editorial.

Conforme o levantamento feito por Bonini (2003), enquanto o *gênero editorial* se insere no *jornalismo opinativo*, o *gênero notícia* é tido como *jornalismo informativo*. Dessa forma, entendemos que a notícia tem como base a divulgação de acontecimentos e informações. Acerca disso, Lage (2006, p. 17) afirma que “a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”.

A notícia caracteriza-se por ser um texto objetivo e centrado nos fatos, onde o autor não faz comentários ou apreciações acerca do que foi narrado. Em relação a sua estrutura, a notícia pode ser dividida em três partes: título, lide e documentação.

O título deve atrair a atenção do leitor e pode, também, apresentar subtítulos e entretítulos. O lide é o parágrafo inicial da notícia, que trata dos fatos principais. Segundo a síntese de Harold Lasswell (*apud* Lage, p. 29) o lide informa “quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê”. Já a documentação “é o complemento do lide, que detalha e acrescenta informações” (*ibid*, p. 29).

A notícia é sempre narrada em terceira pessoa e, quanto à linguagem utilizada, Lage afirma que:

As restrições mais gerais do jornalismo noticioso referem-se à *linguagem jornalística*, sobretudo quando impõe o uso de vocabulário e gramática tão coloquiais tanto possível nos limites do que se considera socialmente correto e adequado ao público a que se destina a informação (LAGE 2006, p. 24).

4. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos tomamos como *corpora* textos que preenchem a função de editoriais dos jornais paulistas *O Combate*, *O Estado de São Paulo* e *Getulino*, publicados durante as primeiras décadas do século XX. Os dados colhidos provêm de cópias digitalizadas a partir de microfimes dos jornais disponíveis no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/IFHC/UNICAMP).

Focalizamos em nosso estudo o emprego (variável) de preposições como introdutoras de complementos que funcionam como argumentos de predicadores verbais. A restrição a esses argumentos se justifica por se acreditar que esse tipo de elemento seja mais suscetível a processos de variação e mudança. (cf. BERLINCK 2008)

4.1 Variável dependente e Grupos de fatores

Considera-se como variável dependente o uso da preposição *a* e suas variantes *para*, *em* e *até* regendo verbos de *direção*, *movimento com transferência* e *transferência (material e verbal)*. Nossa pesquisa trabalha com a hipótese de substituição de preposições fracas (*a*), por preposições fortes (*para*, *em*, *até*).

Os grupos de fatores lingüísticos que levamos em conta em nosso estudo são o *tipo de predicador* (se de *direção*, *movimento com transferência*, ou *transferência material, transferência verbal e*) e a *natureza do complemento* (com referência a *lugar*, *lugar abstrato*, *ser animado*, *instituição*, *evento*, *objeto*, ou *noção abstrata*), pois, considerando que dependendo do predicador e do complemento existem diferenças na proporção do emprego de uma ou outra preposição, procuramos explicar fatores que condicionam a escolha pelo uso de *a* ou de suas variantes. Os exemplos de (1) a (12) ilustram as categorias que foram consideradas na análise:

- Tipos de predicador:

(1) *Direção*: “Exaltados os manifestantes foram ao congresso nacional”.

(2) *Movimento com transferência*: “Sem culpa, levou ao cativo os escravos”.

(3) *Transferência material*: “Todos os dias ele atirava quirela aos pombos”.

(4) *Transferência verbal*: “Eles disseram aos jornalistas que a greve acabou”.

- Natureza do complemento:

- (5) *Lugar*: “Saudoso, voltou a São Paulo antes do prometido”.
- (6) *Lugar abstrato*: “São torpes mentiras que chegam aos meus ouvidos”.
- (7) *Ser animado*: “Constrangido, disse ao pai sobre o engano cometido”.
- (8) *Noção abstrata*: “Lançou suas lembranças aos malefícios do rancor”.
- (9) *Instituição*: “Ferido, foi transportado ao hospital”.
- (10) *Evento*: “Debilidado desde o acidente não pode ir ao casamento”.
- (11) *Objeto*: “Levou os livros de volta à prateleira”.

Reafirmando o valor documental do nosso *corpora* e do gênero textual de nosso interesse – *editorial* –, a eles atribuímos os possíveis fatores extralingüísticos que condicionam os processos de variação. Consideramos o papel da imprensa, tanto na divulgação (e fixação) de uma certa norma lingüística de prestígio, quanto por constituir um possível canal de expressão de normas ou de traços lingüísticos não-padrão. Parte-se da hipótese de que, no contraste entre a chamada Imprensa Negra e a Grande Imprensa seja possível surpreender características do português de São Paulo. (cf. TORRES-MORAIS, CYRINO, ALKMIM, BERLINCK, GUEDES 2006)

A análise dos dados coletados segue os pressupostos teórico-metodológicos da sociolingüística laboviana (LABOV 1972, 1982, 1994) e discussões sobre gêneros textuais e tipificação (BAKHTIN 1992; FARACO 2003; FIORIN 2006; LAGE 2006; MARCUSCHI 2008).

As informações obtidas foram tratadas estatisticamente por meio do programa estatístico GOLDVARB (TAGLIAMONTE 2006).

4.2 Material

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos como *corpora* exemplares de dois jornais paulistanos da Grande Imprensa – *O Combate* e *O Estado de São Paulo* – e um jornal da Imprensa Negra paulista – *Getulino*.

Conforme afirmam Ferrara (1986) e Garcia (1997), denominamos *Grande Imprensa* a porção mais significativa dos periódicos, que se destinavam a um público mais amplo,

enquanto *Imprensa Negra* refere-se a jornais que tinham como idealizador um grupo minoritário de negros intelectuais e se caracterizavam por defender os ideais de uma classe historicamente desfavorecida numa época em que a imprensa oficial restringia-se à classe dominante, dando pouco (ou nenhum) espaço para a comunidade negra.

Biazolli (2010) acredita na relevância em se conhecer a história do jornal observado para a interpretação dos dados. “Deve-se investigar a finalidade da publicação do jornal, a responsabilidade social que detinha e a qual público era direcionado” (BIAZOLLI 2010, p. 86). Desse modo, buscamos caracterizar os jornais estudados.

4.2.1 *O Combate*

O Combate foi um jornal diário paulista de significativa importância por seu caráter de efetiva atuação no cenário social e político da cidade de São Paulo.

Foi fundado pelos filhos de Francisco Rangel Pestana, homem eminente no cenário jornalístico paulistano, sobretudo por ter sido o primeiro diretor do jornal *A Província de São Paulo*, que mais tarde viria a se chamar *O Estado de São Paulo* (BALSALOBRE 2009).

Teve um longo período de publicação para a época – de 1915 a 1930 – com uma proposta ideológica condizente com o cenário político do período. Acerca disso, afirma-se que,

Os gêneros textuais que compõem *O Combate* se harmonizam com duas propostas distintas: por um lado, a defesa dos operários grevistas e dos oprimidos de uma maneira geral, a oposição ao governo e a notícia de fatos da vida pública; e, por outro lado, a publicação de textos dedicados a agradar a sociedade paulistana da época (BALSALOBRE 2009, p. 70).

Segundo Balsalobre (2009), o espaço físico do jornal era preenchido por textos e anúncios, sendo que as seções não contavam com uma disposição fixa, exceto a última página, que era sempre destinada aos anúncios.

Com base na estrutura do jornal e no que entendemos por gênero editorial, concentramos nossos estudos sobre os textos publicados na primeira página e com posição de destaque. Definimos estes textos como editoriais por pautarem seu conteúdo na opinião do

jornal sobre os últimos acontecimentos no cenário político nacional ou sobre fatos significativos da vida sócio-econômica brasileira. Entendemos que,

Nesses textos, ficava patente o posicionamento ideológico dos redatores frente aos assuntos em pauta, uma vez que era adotada uma postura de denúncia das irregularidades da vida pública e de defesa dos ideais das classes menos favorecidas. Esses textos podem ser denominados *editoriais*, uma vez que tinham o propósito de exprimir o parecer do jornal em relação a determinado acontecimento, por meio de um teor dissertativo/opinativo (BALSALOBRE 2009, p. 71).

O COMBATE

INDEPENDENCIA — VERDADE — JUSTIÇA

ANO III — São Paulo — Quarta-feira 7 de Janeiro de 1918

O presente de festas de sr. Wenceslau

Foi prorrogado o estado de sítio

Viva o marechal Hermes!

As festas de aniversário de Wenceslau foram prorrogadas para o dia 15 de Janeiro, devido ao estado de sítio declarado no Rio de Janeiro. O presidente da República, Sr. Hermes, recebeu os cumprimentos dos brasileiros em todo o país, manifestando sua satisfação e desejo de ver o Brasil unido e próspero.



Desde que a notícia chegou aos ouvidos de Wenceslau, o presidente da República, Sr. Hermes, recebeu os cumprimentos dos brasileiros em todo o país, manifestando sua satisfação e desejo de ver o Brasil unido e próspero.

BEUS & FACTOS

Beus e factos, o que se passa no Brasil, o estado de sítio, a situação política, as negociações internacionais, a situação econômica, a situação social, a situação cultural, a situação religiosa, a situação política internacional, a situação econômica internacional, a situação social internacional, a situação cultural internacional, a situação religiosa internacional.

Evohé!

Chegou! chegou! chegou!

Os navios alemães chegaram ao Brasil, trazendo consigo milhares de toneladas de mercadorias, incluindo tecidos, alimentos e outros produtos essenciais para a população.

Um bello gesto

O ultimo e'co da catastrophe do "Paraná"

O navio "Paraná" foi resgatado após uma longa e perigosa viagem, com todos os tripulantes salvos e sem maiores danos materiais.

O exemplo de S. Paulo

A maior parcimonia nos gastos...

A cidade de São Paulo demonstra um exemplo de economia e parcimonia nos gastos públicos, servindo de modelo para outras cidades do Brasil.

Falavras Ocas.

Paraná, parágrafo, duas e mais parágrafos

Discussão sobre o uso correto da linguagem e a importância de ser claro e objetivo na comunicação.

E no entanto, gastam

a rodo e criam aliencoras para os aliados

Crítica à política de gastos excessivos com aliados durante a guerra, destacando a importância de priorizar as necessidades internas.

Na Força Publica

Novas nomeações

Lista de novas nomeações para cargos públicos, incluindo membros do governo e da administração.

Os avanços alemães na Italia

Atualização sobre o progresso das forças alemãs na Itália durante a Primeira Guerra Mundial.

Mais um attentado alemão

O vapor nacional "Taquary" foi torpedeado por um submarino

Um submarino alemão atacou o vapor brasileiro "Taquary" no oceano, causando danos materiais e colocando em risco a vida dos tripulantes.

Morreram sete brasileiros e um português

Sete brasileiros e um português perderam a vida durante o ataque ao vapor "Taquary".

Um tenor lyrico estava no xadrez

Um tenor lyrico participou de uma partida de xadrez durante uma reunião social.

A Guerra

A conferencia de Brest-Litovsk

Discussão sobre a Conferência de Brest-Litovsk e suas implicações para a guerra e a paz.

Como na Italia se apreciam as negociações

Como a Itália avalia as negociações de paz durante a guerra.

A marinha italiana não tem estado inactiva

A marinha italiana não está inativa, mantendo operações e realizando exercícios.

E'cos do "raid", contra Padua

Repercussões do ataque aéreo ("raid") contra Padua.

Os avanços alemães na Italia

Atualização sobre o progresso das forças alemãs na Itália durante a Primeira Guerra Mundial.

Como na Italia se apreciam as negociações

Como a Itália avalia as negociações de paz durante a guerra.

A marinha italiana não tem estado inactiva

A marinha italiana não está inativa, mantendo operações e realizando exercícios.

E'cos do "raid", contra Padua

Repercussões do ataque aéreo ("raid") contra Padua.

Os avanços alemães na Italia

Atualização sobre o progresso das forças alemãs na Itália durante a Primeira Guerra Mundial.

Como na Italia se apreciam as negociações

Como a Itália avalia as negociações de paz durante a guerra.

A marinha italiana não tem estado inactiva

A marinha italiana não está inativa, mantendo operações e realizando exercícios.

E'cos do "raid", contra Padua

Repercussões do ataque aéreo ("raid") contra Padua.

Os avanços alemães na Italia

Atualização sobre o progresso das forças alemãs na Itália durante a Primeira Guerra Mundial.

Figura 1

4.2.2 *O Estado de São Paulo*

O Jornal *O Estado de São Paulo* foi fundado em 1874, com o nome *A Província de São Paulo*, por militantes republicanos que idealizaram a criação de um diário que veiculasse idéias contrárias à monarquia e à escravidão. Teve sua primeira publicação em 04 de janeiro de 1875 e após a Proclamação da República recebeu o nome de *O Estado de São Paulo*, sendo hoje o mais antigo periódico em circulação na capital. (BIAZOLLI 2010).

Nosso estudo se concentra em textos editoriais de exemplares publicados a partir do século XX, época em que Júlio de Mesquita Filho tornou-se o único proprietário e o jornal passou a veicular uma linha de oposição sistemática aos governos estadual e federal. Nessa época houve também inovações tanto na produção quanto na organização do jornal, sendo que,

A mudança fundamental, contudo, expressou-se no declínio da doutrinação em prol da informação [...]. Consagrou-se a idéia de que o jornal cumpria a nobre função de informar ao leitor o que se passou, com rigoroso respeito à “verdade dos fatos” (LUCA, 2008, p. 152).

Os editoriais do jornal *O Estado de São Paulo* ocupavam, geralmente, a primeira página. A maioria aparecia com título e, freqüentemente, não eram assinados, e, quando o eram, contava-se a assinatura do redator-chefe, por extenso, ou a inicial do nome de alguma pessoa em letra maiúscula. Os escritos apresentavam clareza, através da estruturação textual, na apresentação dos fatos (BIAZOLLI, 2010).

4.2.3 *Getulino*

Os periódicos que compõem a *Imprensa Negra* não refletiam os acontecimentos nacionais, não traziam notícias sobre os acontecimentos relevantes da época de sua produção, como a Revolução de 1923, movimento armado no estado do Rio Grande do Sul, ou a Revolta Paulista e a origem da Coluna Prestes em 1924.

No caso do *Getulino*, trata-se de um jornal fundado em 1923 com intuito de manter um espaço ideológico e informativo independente para a população negra da cidade de Campinas, no interior do Estado de São Paulo. Tratando do desenvolvimento intelectual e emancipação moral do negro, propunha seu restabelecimento na sociedade, principalmente através da educação. O periódico defendia a miscigenação como forma de enriquecer o povo brasileiro e sua nacionalidade e colocava a escravidão como origem de todos os males do país.

O jornal possuía colunas fixas como *Vida Social*, com notas sobre casamentos, batizados, nascimentos, óbitos e aniversários; *Vida Esportiva*, com notícias relacionadas a esportes; *Movimento Associativo*, coluna que tratava das relações entre o jornal e entidades voltadas para o movimento negro; *Perfis*, coluna que prestava homenagens a personalidades importantes do país, como Rui Barbosa, Eusébio de Queiroz e Cruz e Souza; *Risos e lágrimas*, coluna de poesias; *Registro sem tampa*, coluna crítica dedicada a comentar acontecimentos variados; *De ausculta e binóculo*, coluna crítica que trazia comentários sobre as condutas dos homens negros; além do folhetim “*Scenas do Captiveiro – A Boa Severina*”.



Figura 3

5. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados para esta análise foram colhidos de exemplares d'*O Combate* publicados entre 02 de janeiro de 1918 e 09 de dezembro do mesmo ano; d'*O Estado de São Paulo*, entre 02 de janeiro de 1905 e 02 de janeiro de 1920; e do *Getulino*, publicados entre 30 de setembro de 1923 e 07 de setembro de 1924.

A análise dos dados obtidos revela que, nos três periódicos, embora exista preferência geral pelo emprego da preposição *a*, é possível observar um uso considerável das variantes selecionadas nos contextos estudados.

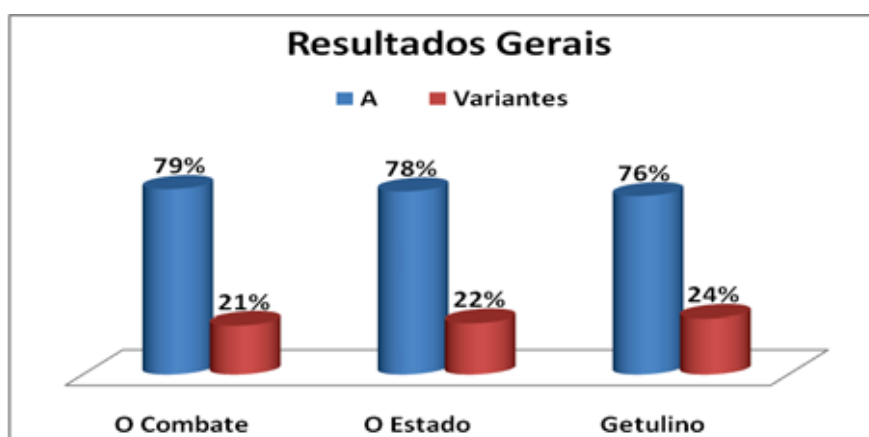


Figura 4

Conforme observamos no gráfico acima os resultados apresentaram, interessante, pouca diferença percentual. Os dados do jornal da Imprensa Negra *Getulino* se mostraram um pouco mais suscetíveis à variação aparecendo em 24% dos dados com preposições diferentes de *a* (18 dados em 75), sendo que desse percentual 21% (15 dados em 18) ocorreram com *para*, 2% (2 dados em 18) com *em* e, 1% (1 dado em 18) com *até*.

Já os jornais da Grande Imprensa *O Combate* e *O Estado de São Paulo* apareceram um pouco menos propensos a variar: 21% no primeiro (16 dados em 75) e 22% no segundo (10 dados em 46). N'*O Combate*, dos 21% dos casos em que houve variação, 16% ocorreram com a preposição *para* (12 dados em 16), 4% com *em* (3 dados em 16), e 1% com a preposição *até* (1 dado em 16).

No jornal *O Estado de São Paulo* não foram encontrados dados com a preposição *até*. Dos 22% de casos onde foi constatada variação, 14% ocorreram com a preposição *para* (6 dados em 10) e 8% com a preposição *em* (4 dados em 10).

5.1 Quanto aos *Tipos de Predicador*

5.1.1 *O Combate*

Conforme observamos no gráfico abaixo, os verbos de *direção* foram os que apresentaram maior índice de variação, aparecendo em 65% dos casos com a preposição *a* (21 dados em 32).

Já os verbos de *transferência material e verbal* se mostraram mais resistentes a variar, pois o primeiro apareceu em 82% dos casos com *a* (19 dados em 23), enquanto o segundo ocorreu em 90% com a preposição prevista pela norma padrão (10 dados em 11).

Os casos de verbos de *movimento com transferência* não apresentaram variação – 100% dos dados foram introduzidos pela preposição *a*.

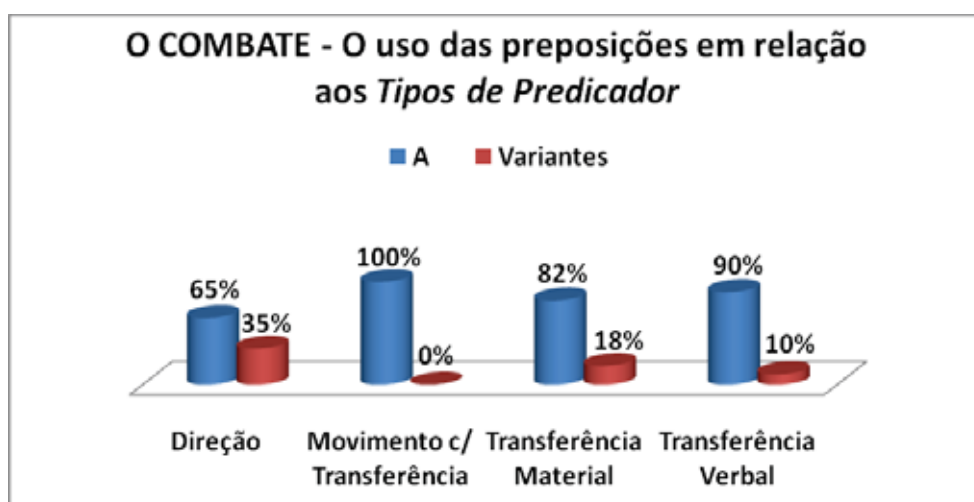


Figura 5

5.1.2 *O Estado de São Paulo*³

Ao verificarmos a distribuição em termos de frequência do uso da preposição *a* em relação aos *tipos de predicador* selecionados no jornal *O Estado de São Paulo*, novamente podemos constatar a predominância da preposição prevista pela norma padrão.

³ Para esta análise foram desconsiderados os casos de predicadores de *movimento com transferência* e *transferência verbal* devido à insuficiência de dados.

Dos tipos de verbo que tratamos neste estudo, apenas os de *direção* e os de *transferência material* apresentaram número suficiente de dados para a análise, no entanto ambos revelaram um índice considerável de variação, aparecendo em 76% dos casos com *a* no primeiro caso (16 dados em 21) e, em 78% no segundo (15 dados em 19).

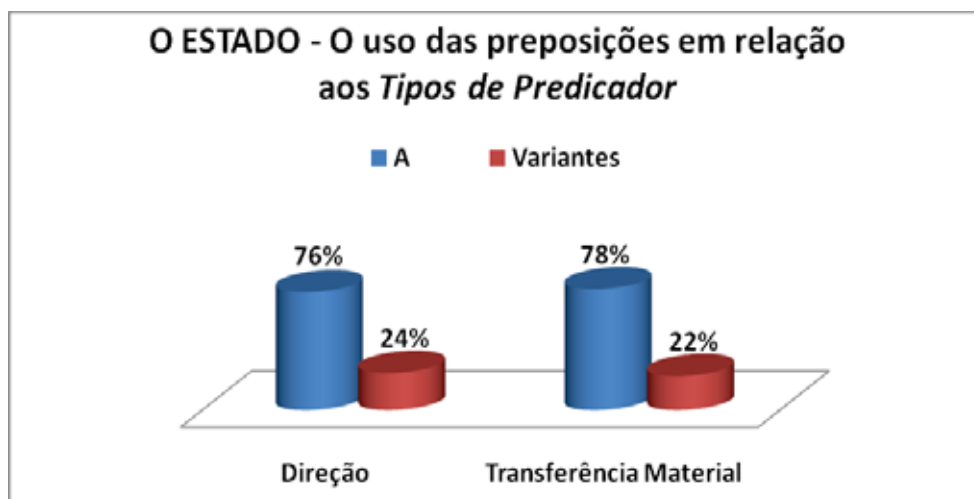


Figura 6

5.1.3 Getulino

Os resultados do jornal Getulino reafirmam a predominância da preposição padrão. Dos tipos de verbo que estudamos, os de *direção* foram os que apresentaram maior índice de variação, aparecendo em 31 % dos casos com preposições diferentes de *a* (10 dados em 22). É, também, considerável a variação presente nos casos de verbos de *movimento com transferência*, pois 22% dos dados obtidos ocorreram com as variantes selecionadas (4 dados em 14). Já os predicadores de *transferência material* se revelaram um pouco mais resistentes a variar, pois 81% dos casos ocorreram com *a* (4 dados em 17). Os casos com verbos de *transferência verbal* foram desconsiderados para esta análise por apresentarem volume insuficiente de dados.

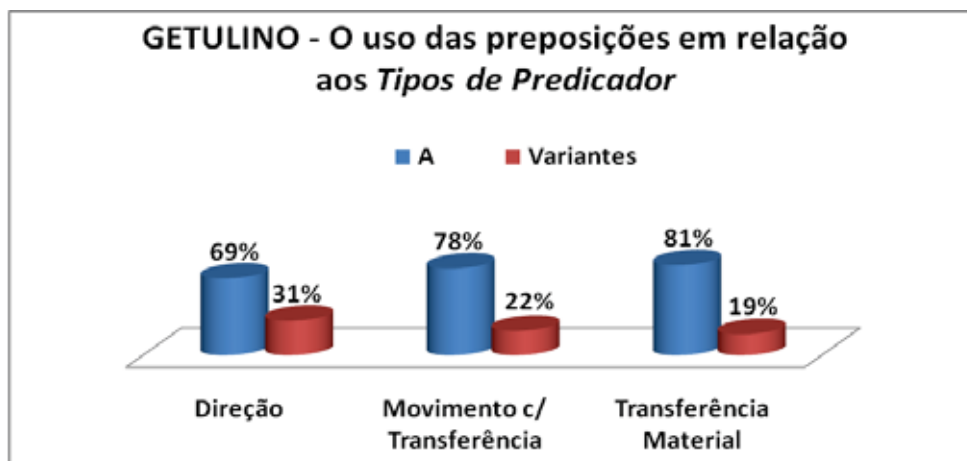


Figura 7

5.2 Quanto à Natureza do Complemento

5.2.1 O Combate⁴

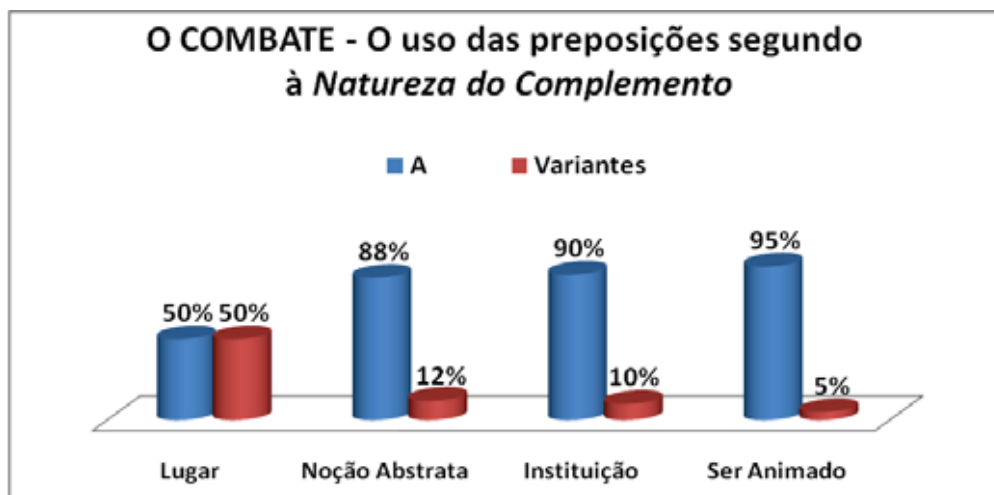


Figura 8

Observando o gráfico acima, podemos notar que os complementos referentes a *lugar* foram os que apresentaram maior índice de variação, pois 50 % dos casos foram introduzidos por preposições diferentes de *a* (8 dados em 16).

⁴ Foram desconsiderados para esta análise os dados com complementos de *lugar abstrato*, *evento* e *objeto* devido à quantidade insuficiente de dados obtidos.

Menos propensos a variar apareceram, respectivamente, os complementos que indicam *noção abstrata* (88% dos dados foram introduzidos por *a* – 14 dados em 16), *instituição* (90% dos casos ocorreram com a preposição padrão – 10 dados em 11) e *ser animado* (95% dos dados apareceram com a preposição *a* – 22 dados em 23).

5.2.2 O Estado de São Paulo⁵

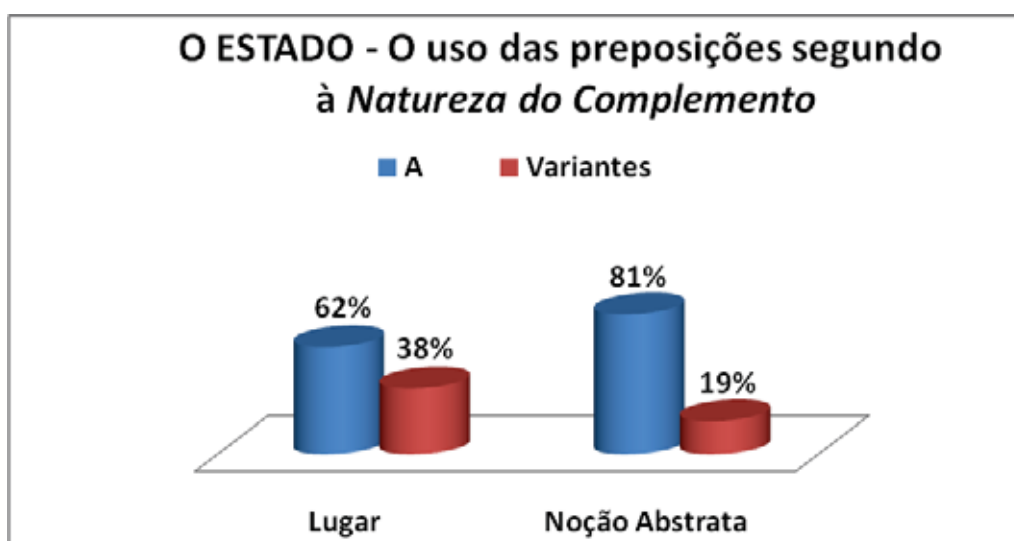


Figura 9

Analisando os resultados da contagem dos dados obtidos no jornal *O Estado de São Paulo*, podemos notar que os complementos referentes a *lugar* foram os que mais apresentaram variação, uma vez 38% dos casos ocorreram com preposições diferentes de *a* (3 dados em 8).

Também se revelaram propensos a variar, porém com maior resistência, os casos de complementos que indicam *noção abstrata*, pois 81% dos dados encontrados com esse tipo de complemento foram introduzidos pela preposição prevista pela norma padrão (13 dados em 16).

⁵ Não consideramos em nossa análise os casos com complementos referentes a *lugar abstrato*, *ser animado*, *instituição*, *evento* e *objeto* devido ao pouco volume de dados encontrados.

5.2.3 Getulino⁶

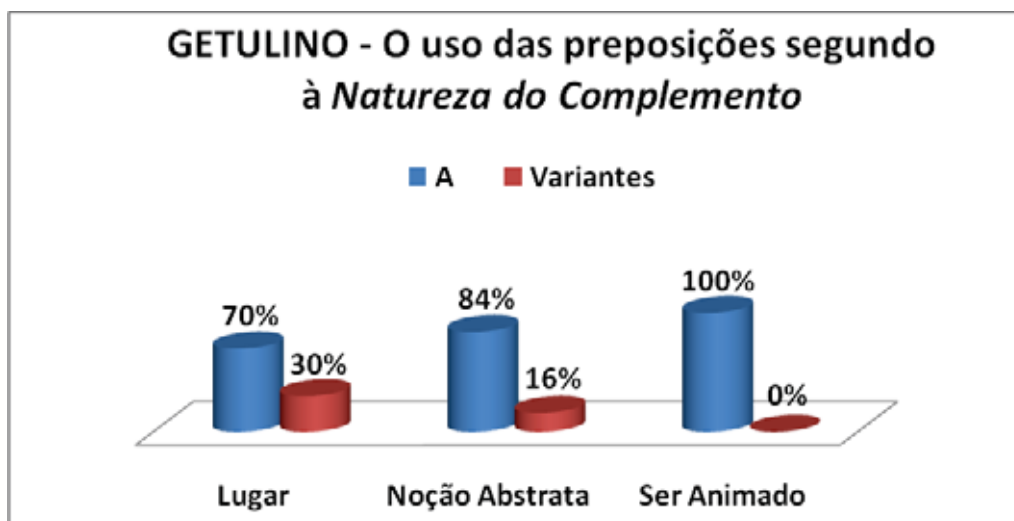


Figura 10

Ao verificarmos os resultados expostos no gráfico acima, notamos que os complementos referentes a um *lugar* foram os que apresentaram maior índice de variação aparecendo em 30% dos casos com preposições diferentes de *a* (7 dados em 16). Os complementos que indicam *noção abstrata* se revelaram mais propensos a ocorrer com *a*, pois 84% dos casos analisados ocorreram com a preposição padrão (20 dados em 24). Já os complementos referentes a *ser animado* não apresentaram variação pois, todos os dados obtidos foram introduzidos por *a* (12 dados).

⁶ Foram desconsiderados os casos de complementos referentes a *lugar abstrato*, *instituição*, *evento* e *objeto* devido a quantidade insuficiente de dados obtidos.

5.3 Combinação entre os *tipos de predicador* e a *natureza do complemento*

A análise da combinação entre os grupos de fatores selecionados em nosso estudo nos revela em quais fatores lingüísticos ocorre maior variação e em quais casos essa variação é menor ou inexistente. A tabela abaixo apresenta a frequência de uso da preposição *a* segundo os dois grupos de fatores lingüísticos avaliados.

5.3.1 O Combate

	Direção	Movimento c/ transferência	Transferência Material	Transferência Verbal
Lugar	44%	100%	—	—
Noção Abstrata	83%	100%	100%	100%
Ser Animado	83%	100%	100%	100%
Instituição	50%	—	100%	100%

Tabela 2: Frequência de uso da preposição *a* segundo o *tipo de predicador* e a *natureza do complemento* nos editoriais d’*O Combate*.

Analisando os casos de predicadores de *direção*, notamos que as combinações mais suscetíveis a variar foram, respectivamente, aquelas com complementos referentes a *lugar* que, interessante, aparece em pouco mais da metade dos casos com preposições diferentes da prevista pela norma padrão (44% de *a*), como em (1), e *instituição* que ocorre em 50% dos casos com *a*, como em (2).

Quando associados à complementos referentes a *ser animado* e *noção abstrata*, notamos maior resistência à variação, tendo ocorrido ambos em 83% de casos com *a*, como em (3) e (4), respectivamente.

- (1) “[...] voltando ao solo, para sofrer uma nova elaboração das leis da natureza”
[O Combate 02/01/1918]

- (2) “Ao O Combate já deve ter chegado eco do clamor que em Pennapolis e em toda a Noroeste se levanta [...]”. [O Combate 02/01/1918]
- (3) “[...] pediram licença e foram ao secretário e fizeram-lhe ver o absurdo [...]”. [O Combate 02/01/1918]
- (4) “Chegou-se, por fim, ao ponto mais relevante: as medidas de caráter moral”. [O Combate 02/01/1918]

Não foram encontrados casos de variação com predicadores de *movimento com transferência* ligados aos complementos selecionados, uma vez que 100% dos dados ocorreram com *a*, como em (5) e, não foi encontrado nenhum dado desse tipo de verbo associado a complementos referentes à *instituição*.

- (5) “[...] é claro que cada exemplar d’O Combate levado á Cadeia para ser entregue aos presos [...]”. [O Combate 02/02/1918]

Os verbos de *transferência material* se mostraram bastante resistentes à variação, pois não ocorreram casos com preposições diferentes de *a* quando esse tipo de predicador aparece associado a complementos de *noção abstrata*, *ser animado* e *instituição*. No entanto, os dados desse tipo de verbo ligados a complementos de *lugar* só ocorreram com preposições diferentes da prevista pela norma culta, como em (6).

- (6) “Afirma-se que a ACM de S. Paulo, vae mandar deis secretários para as trincheiras portuguezas”. [O Combate 01/03/1918]

Na contagem geral, o tipo de predicador que menos variou o emprego de preposições foi o de *transferência verbal*. Assim como nos casos de verbos de *transferência material*, não ocorreu variação nos dados em que essa natureza de predicador aparece ligada a complementos de *noção abstrata*, *ser animado*, e *instituição*. Contudo, também, foram encontrados casos em que verbos de *transferência verbal* estão associados a complementos referentes a *lugar*, todos introduzidos por preposições diferentes de *a*, como em (7).

- (7) “[...] a aprovação do convenio transmitida para a América do norte”. [O Combate 02/03/1918]

5.3.1.1 Casos desconsiderados – *O Combate*

Os dados de complementos referentes a *lugar abstrato*, *objeto* e *evento* foram desconsiderados para esta análise devido ao pouco volume de dados obtidos.

Foram encontrados cinco exemplos de complementos referentes a *lugar abstrato*, sendo que dois desses foram introduzidos por preposições diferentes de *a* como em (8), e três ocorreram com a preposição padrão, como em (9).

- (8) “[...] pela causa que os atirou no turbilhão da batalha de que o reencontro eleitoral foi uma simples escaramuça”. [O Combate 02/03/1918]
- (9) “[...] que oferecia os seus serviços à gloriosa nação”. [O Combate 02/03/1918]

Já os complementos referentes a um *evento* apareceram em três dos dados obtidos, sendo que um deles ocorreu com *a* (10) e os outros dois com preposições diferentes desta, como em (11). Apenas um caso de complemento indicando *objeto* foi encontrado tendo este ocorrido com a preposição *a* (12).

- (10) “O saneamento do caráter nacional offereceu largo campo á discussão”. [O Combate 01/04/1918]
- (11) “E vamos para a guerra”. [O Combate 01/04/1918]
- (12) “Extender o imposto de exportação do café aos demais produtos será um crime contra o futuro econômico de S. Paulo”. [O Combate 01/06/1918]

5.3.2 O Estado São Paulo

	Direção	Transferência Material
Lugar	50%	100%
Noção Abstrata	90%	60%

Tabela 3: Frequência de uso da preposição *a* segundo o tipo de predicador e à natureza do complemento nos editoriais d’*O Estado de São Paulo*.

Ao analisarmos casos de predicadores de *direção*, notamos que a estrutura mais suscetível a variar foi aquela com complementos referentes a *lugar* (50% de *a*), como em (13); e a mais resistente, foi a com complementos que indicam um *noção abstrata* (90%) como em (14).

Com relação aos predicadores de *transferência material*, podemos notar que não houve variação nos casos desse tipo de verbo ligado a complementos referentes à *noção abstrata*, como em (15). Já quando relacionados a complementos referentes a um *lugar*, 60% dos casos desse predicador ocorrem com a preposição padrão, como em (16).

- (13) “[...] atirados ao porão de navios, lá seguiram, mar alto, para o Acre [...]”. [O Estado de São Paulo 02/01/1920]
- (14) “Sem pretender [...] cair em exagerações perigosas [...]”. [O Estado de São Paulo 02/01/1905]
- (15) “[...] a illustre estadia está conseguindo eleva aos governos provinciaes cidadãos prestigiosos [...]”. [O Estado de São Paulo 14/01/1905]
- (16) “[...] o Brasil figura no terceiro lugar entre os paizes que forneceram imigrantes á Argentina”. [O Estado de São Paulo 14/01/1905]

5.3.2.1 Casos desconsiderados – O Estado de São Paulo

Não foram obtidas quantidades significativas de dados com predicadores de *movimento com transferência* e *transferência verbal*, e complementos referente a *lugar abstrato*, *instituição*, *ser animado*, *evento* e *objeto*, o que os torna irrelevantes para uma análise estatística.

Em relação aos predicadores desconsiderados, obtivemos quatro dados com verbos de *movimento com transferência* sendo que um ocorreu com preposição diferente de *a* (17); e, dois dados com verbos de *transferência verbal*, tendo os dois ocorridos com a preposição padrão (18).

Quanto aos tipos de complementos desconsiderados, foram encontrados seis casos referentes a *ser animado*, sendo que todos foram introduzidos por *a* (18); cinco dados com complemento que indicam um *lugar abstrato* tendo um deles ocorrido com uma variante (19); cinco dados de complemento referente a uma *instituição* dos quais três ocorreram com *a* (20); cinco casos de complemento referente a *evento* sendo que um ocorreu com uma das variantes de *a* (21); e um dado referente a *objeto* introduzido pela preposição prevista pela norma padrão (22).

- (17) “[...] transportar o núcleo universitário do Norte [...] para o porto commercial [...]”. [O Estado de São Paulo 16/01/1905]
- (18) “Apresso-me a dizer ao auditório que não se [...]”. [O Estado de São Paulo 16/01/1905]
- (19) “[...] os malta que falsificam constituições para collocar irmãos no posto herdado de sogros barões”. [O Estado de São Paulo 14/01/1905]
- (20) “E tanto mais para lastimar que só não proporcione á Academia de Pernambuco [...]”. [O Estado de São Paulo 16/01/1905]
- (21) “[...] pretende applicar na compra de dois cruzadores couraçados modernos [...]”. [O Estado de São Paulo 14/01/1905]

- (22) “Voltemos, porém, ao relatório [...]”. [O Estado de São Paulo 16/01/1905]

5.3.3 Getulino

	Direção	Movimento c/ transferência	Transferência Material
Lugar	69%	83%	50%
Noção Abstrata	78%	71%	100%
Ser Animado	100%	—	100%

Tabela 4: Frequência de uso da preposição *a* segundo o tipo de predicador e à natureza do complemento nos editoriais *Getulino*.

Ao observarmos os casos de predicadores de *direção*, notamos que as combinações mais suscetíveis a variar foram aquelas com complementos referentes a um *lugar* (31% dos dados foram introduzidos por outras preposições), como em (23). Já os casos desse tipo de predicador ligados a complementos que indicam *noção abstrata* apareceram mais resistentes a variar (78% de *a*), como em (24). Os complementos referentes a *seres animados* quando combinados a esse tipo de verbo não apresentaram variação, como em (25).

- (23) “É grande e geral mesmo, a grita de falta de pagem, creada, copeira e cosinheira, não só em Campinas, como em todo o interior, as quaes vão para S. Paulo, onde seus afadigosos serviços são bem remunerados [...]”. [Getulino 25/11/1923]
- (24) “[...] o espirito do alumno se ia gradualmente [...]affazendo ás disciplinas do curso, até chegar ao preparo de conjunto, restauram-se os exames parcellados, verdadeira loteria em que se registram as surpresas mais interessantes e os dispauterios mais cabelludos”. [Getulino 07/10/1924]
- (25) “Injuriados por tal forma, os brasileiros dirigiram uma petição ao principe por intermédio da camara”. [Getulino 13/10/1923]

Com relação aos predicadores de *movimento com transferência*, podemos dizer que estes variaram menos: 71% dos casos ligados a complementos referentes à *noção abstrata* forma introduzidos por *a* como em (26); 83% dos dados associados a complementos que indicam um *lugar* ocorreram com a preposição padrão, como em (27). Não foram obtidos dados desse predicador ligado a complementos que indicam *ser animado*.

- (26) “Cada trecho relembra uma victoria, trazendo sempre à sombra palpitante dos vivos a memoria sacrosanta dos nossos antepassados [...]”. [Getulino 04/11/1923]
- (27) “Accresce que o numero de africanos transportados ao Brasil, durante mais de trezentos annos, foi muito superior á população cabocla primitiva”. [Getulino 09/03/1924]

Na contagem geral, o tipo de predicador que menos variou o emprego de preposições foi o de *transferência material*, ainda assim, em sua combinação com complementos que indicam *lugar*, houve 50% de casos introduzidos pelas variantes selecionadas, como em (28). Já os casos desse tipo de verbo ligados a complementos que indicam *noção abstrata* e *ser animado* não apresentaram variação como em (29) e (30), respectivamente.

- (28) “A única cousa que posso fazer, é mandar praças para o jardim, para garantir a ordem”. [Getulino 06//01/1924]
- (29) “[...] não tentava por em pratica uma acção sequer, que affirmasse não ser elle tão desmerecedor e humilde, para que a propria dignidade fosse um farrapo de papel, atirado ao vento das paixões mesquinhas”. [Getulino 28/10/1923]
- (30) “E quiz a justiça do acaso, talvez a mais segura das justiças, que fosse dado à Nabuco, no dia 13 de Maio, communicar ao povo, de uma das janellas do Paço da cidade, que já não havia escravos no Brasil”. [Getulino 30/07/1923]

5.3.3.1 Casos desconsiderados – *Getulino*

Os predicadores de *transferência verbal* não apresentaram volume significativo de dados para esta análise (quatro ao todo). No entanto é importante destacar que só foram encontrados dados desse tipo de verbo associados a complementos referentes a *ser animado* e que não foram observados casos de variação, pois todos os exemplos obtidos ocorreram com a preposição *a*, como em (31).

- (31) “Analysamos agora a summula do que disse a Dr. Robert Abbot, o homem que nos visitou cheio da maior pressa [...]”. [Getulino 11/11/1923]

Também não foram considerados os casos de complementos que indicam *lugar abstrato*, *instituição*, *evento* e *objeto* pela baixa quantidade de exemplos encontrados.

Obtivemos sete exemplos de complementos referentes a *lugar abstrato*, sendo quatro deles associados a verbos de *direção* – três dados com *a*, como em (32) e um caso com outra preposição (33); um dado ligado a um verbo de *movimento com transferência* e introduzido pela preposição padrão (34); e dois dados associados a predicadores de *transferência material*, ambos introduzidos por preposições diferentes de *a*, como em (35).

- (32) “[...] mas assim tambem não, é a phrase que nos vem aos lábios [...]”. [Getulino 07/10/1923]
- (33) “Conforme rumores que já nos chegaram nos ouvidos, não será para o aparecimento aqui de um outro periódico [...]”. [Getulino 07/10/1923]
- (34) “[...]professores européus e norte-americanos que foram levar ao paiz do sol o beneficio das suas luzes e da sua convivencia edificante”. [Getulino 27/01/1924]
- (35) “[...] e transferiu toda a actividade, toda a febre creadora, para as officinas do músculo ou do cerebro, onde se manipulam os engenhos de destruição do mundo velho”. [Getulino 07/07/1924]

Também foram obtidos sete exemplos de complementos referentes à *instituição*. Interessantemente, encontramos dois dados desse tipo de complemento ligados a verbos de *direção*, ambos com preposições diferentes de *a*, como em (36). Já os predicadores de *movimento com transferência* apareceram combinados a esse complemento em quatro exemplos, sendo que três ocorreram com *a*, como em (37), e um com outra preposição (38). Também foi obtido um dado desse complemento associado a um verbo de *transferência material* e introduzido por uma preposição diferente de *a* (39).

- (36) “[...] que foi pequena para comportá-los, indo os mais exaltados para a policia”. [Getulino 09/03/1924]
- (37) “[...] que a pequena professora, a cavallo, procurou reunir e trazer à escola, como uma pastora de almas e de cérebros”. [Getulino 30/03/1924]
- (38) “Como vê o mavioso cantor d'O saltimbanco', transladamos para a nossa secção a historia do infeliz papagaio, encontrada sem assignatura n'A Serra de 28 de Outubro de 1923”. [Getulino 02/12/1923]
- (39) “Enviou [...] primeiro para o Instituto Histórico”. [Getulino 04/11/1923]

Foi encontrado apenas um exemplo de complemento referente a *evento*, tendo este aparecido associado a um verbo de *direção* e introduzido por uma preposição diferente de *a* (40). Encontramos, também, um dado de complemento que indica *objeto* introduzido pela preposição *a* e associado a um verbo de *direção* (41).

- (40) “E commentando, vae até a Guerra do Paraguay e mais ainda: cita 'o negro José do Patrocinio, como o proclamador do regimen da igualdade e Fraternidade!’” [Getulino 02/12/1923]
- (41) “[...] Era impressionante a scena que offerecia os miseros esfaimados, ao avancarem cegos ao pão que lhes demos”. [Getulino 09/12/1923]

5.4 Discussão

Os resultados da análise dos três jornais foram comparados considerando-se os mesmos fatores e, embora com algumas diferenças, os resultados gerais apontam para a predominância do uso da preposição *a*.

Entre as semelhanças encontradas entre os *corpora* está a maior tendência à variação dos complementos que indicam *lugar*, especialmente em contextos em que esse tipo de complemento é associado a predicadores de *direção*. Já os predicadores de *movimento com transferência* e *transferência material* apresentaram variação, com maior ou menor frequência, dependendo da natureza dos complementos a eles associados.

Outros resultados que merecem destaque são os que concernem aos complementos que indicam conceitos, como os de *noção abstrata* e *instituição*. Estes se revelaram mais resistentes à variação, ocorrendo na grande maioria dos casos com a preposição prevista pela norma padrão. Já os complementos referentes a um *ser animado* foram encontrados, com raras exceções, combinados a predicadores de *transferência verbal* e introduzidos pela preposição *a*.

Acerca das variantes selecionadas, os resultados da análise também se assemelham: nos três periódicos a preposição *para* é a que mais alterna com *a* nos contextos estudados, sendo que a escolha de uma ou de outra implica uma sutil diferença de sentido. Essa alternância fortalece as hipóteses iniciais do estudo, ou seja, a de substituição de preposições fracas, no caso a preposição *a*, por preposições fortes, como a preposição *para*.

Entre as hipóteses que podem justificar os usos das preposições estudadas está o fato de que estes itens são altamente gramaticalizados e, portanto, semanticamente esvaziados, assim, é possível que o sentido que emerge quando elas estão acompanhadas dos verbos estudados seja decorrente da influência desses verbos sobre elas: quanto mais esvaziado for o conteúdo semântico de um item lexical, mais dependente do conteúdo semântico do termo que o seleciona (KLEPPA 2005). Os traços semânticos do complemento, segundo a abordagem de Mollica (1996), também influenciam a escolha da preposição.

Nos casos estudados notamos que os contextos em que o complemento se refere a uma situação de maior abstração – por exemplo, *transferência verbal* vs. *ser animado* – a tendência é que a preposição empregada seja *a*, enquanto que nos casos em que o contexto apresenta maior concretude a possibilidade de variação é maior – por exemplo, *direção* vs. *Lugar* (cf. BERLINCK 2008).

Podemos pensar, ainda, que enquanto as preposições *a* e *para* enfatizam a idéia de direção, de movimento do verbo, a preposição *em* procura enfatizar o ponto de chegada, o objeto em si, uma vez que o sentido prototípico veiculado pela preposição *em* parece ser o de localização. Com relação aos contextos em que ocorre a preposição *até*, mesmo com poucos exemplos, observamos que *até* aparece em todos os dados com a idéia inerente de limitação.

Entre as diferenças encontradas entre os periódicos estudados, está a maior quantidade de dados obtidos na pesquisa em textos editoriais do *Getulino* e d'*O Combate*, enquanto o volume de dados d'*O Estado* foi significativamente menor. Podemos entender os resultados e essa diferença quantitativa entre os *corpora* se levarmos em conta, principalmente, as características organizacionais dos jornais estudados.

O Combate apresenta uma linha tênue entre os gêneros notícia e editorial e, não tendo este uma estrutura e um posicionamento fixo no jornal, nosso entendimento na seleção dos textos se pautou no teor dissertativo/opinativo que os caracterizava e no distanciamento de suas características da estrutura do gênero notícia. Isto nos possibilitou encontrar, por vezes, mais de um texto editorial por exemplar.

Já *O Estado* apresenta em sua estrutura um posicionamento mais fixo dos textos editoriais: normalmente um texto por publicação, na primeira página do exemplar. Esta característica limitou o número de textos editoriais encontrados e, conseqüentemente, o número de dados obtidos. Essa limitação foi determinante para o resultado da análise quantitativa de nosso estudo.

O jornal da Imprensa Negra *Getulino* foi o periódico com maior volume de dados. Isto se deve, possivelmente, ao fato de que os textos que preenchem a função de editoriais neste jornal são mais extensos e ocupavam, quase sempre, todo o espaço da primeira página de cada exemplar.

A pressão normativa que se revela nos jornais *O Combate* e *O Estado* se deve tanto às características próprias do gênero editorial quanto ao fato do público alvo constituir, em sua maioria, a elite econômica e intelectual paulista.

A hipótese inicial que motivou a comparação entre os jornais da Grande Imprensa e o *Getulino* era a de que, se considerarmos que os produtores e idealizadores desse jornal eram uma minoria de negros letrados e que seu público alvo era composto em sua grande maioria por não-alfabetizados, a possibilidade de se encontrar nos contextos estudados tendências dos processos correntes na fala era plausível. No entanto, o que se observou foi uma correspondência entre os resultados da análise do jornal da Imprensa Negra, *Getulino*, e os dois periódicos da Grande Imprensa.

Considerações Finais

O resultado geral da análise quantitativa e da análise sintático-semântica do uso das preposições estudadas aponta que, embora se trate de textos bastante monitorados e sujeitos à pressão normativa, já notamos um uso variável das preposições nos contextos estudados.

Quanto ao papel do *gênero textual* sobre a variação, acreditamos que os textos publicados nestes jornais revelam que, sendo o *editorial* um texto formador de opinião e que tinha como público alvo a escassa população letrada da época – composta em sua maioria pela elite econômica – as produções tendem a ocorrer por meio de construções mais próximas da norma culta.

Também é possível pensar em uma caracterização preliminar do tipo de construção em que as novas variantes começam a ser utilizadas: estruturas com predicadores de *direção* em que o complemento se refere a um *lugar*.

Considerando o momento histórico que foi analisado e o fato de se saber que as variantes de *a* são hoje mais frequentes que a preposição prevista pela norma, podemos hipotetizar um caminho para a implementação do processo de substituição da preposição *a*.

Referências Bibliográficas

- ALI, M. S. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
- ALKMIM, T. M. **Sociolingüística: parte I**. In: MUSSALIM, F.; BENTES., A. C. Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras, v.1. São Paulo: Cortez, 2001.
- BALSALOBRE, S. R. G. **Língua e sociedade nas páginas da Imprensa Negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento**. Dissertação de Mestrado. UNESP. Araraquara, 2009.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (orgs). São Paulo: Cortez, 2005.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BERLINCK, R. de A. The Portuguese Dative. In W. Van Belle & W. Van Langendonck (eds.) **Case and Grammatical Relations Across Languages**. The Dative. Vol. I: Descriptive Studies. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- BERLINCK, R. de A.; BUENO, L.C.O. Variação e gênero textual: preposições em textos jornalísticos paulistas. Comunicação apresentada no **XV Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)**. Montevideú, 2008.
- BIAZOLLI, C. C. **Clíticos pronominais no português de São Paulo: 1880 a 1920 – Uma análise sócio-histórico-lingüística**. Dissertação de Mestrado. UNESP. Araraquara, 2010.
- BONINI, A. Os gêneros do Jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Revista Linguagem em (Dis)curso**, vol.4, n.1, jul/dez. 2003. PPGCL/Unisul.
- BUENO, L. C. O. **Relatório Final do Projeto ‘Preposições em anúncios e notas sociais da Imprensa Negra paulista’**. PIBIC/CNPq. 2008.
- CAMACHO, R. G. **Sociolingüística: parte II**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras, v.1. São Paulo: Cortez, 2001.
- CÂMARA Jr., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001
- FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (orgs). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1995.
- FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERRARA, M. N. **A Imprensa Negra Paulista (1915 – 1963)**. FFLCH/USP, 1986. (Antropologia 13).

FIORIN, J. L. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GABAS Jr., N. **Linguística Histórica**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v.1. São Paulo: Cortez, 2001.

GARCIA, M. **Os Arcanos da Cidadania: a imprensa negra nos primórdios do século XX**. Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo, 1997.

GOMES, V. S. **História do Editorial Jornalístico em Pernambuco: o que mudou e o que permaneceu no curso desta tradição discursiva?** In: PESSOA, M. B. (Org.). **Língua, textos e história**. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, 2005.

ILARI, R. *et alii*. **A Preposição**. In: CASTILHO, A. T.; ILARI, R.; NEVES, M. H. M. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Vol. 2: Classes de Palavras e Processos de Construção. Campinas: Editora Unicamp, 2008

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 2: Social Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

LUCA, J. R. de. **A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX**. In: Martins, A. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUSTOSA, I. **O Nascimento da Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 4.^aed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. **Gêneros Textuais: dinamicidade, configuração e circulação**. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2.^aed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

KLEPPA, L. **Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem ou Vamo de a pé no carro do vovô?** Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas, 2005.

MATEUS, M. H. M. *et alii*. **Gramática da Língua Portuguesa**. 6.^aed. Lisboa: Caminho, 2003.

MIRANDA, R. **Um caminho de suor e letras: A militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas, 2005

MOLLICA, M. C. **A Regência Variável do Verbo Ir de Movimento**. In: SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P (Orgs). **Padrões sociolingüísticos**. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996. p. 85-119

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução a Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004

MONTEIRO, J. L. **Para Compreender Labov**. 2.^aed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Unesp, 2000.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolingüística**. 8.^aed. São Paulo: Ática, 2007.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. 2.^aed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TAGLIAMONTE, S. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TORRES-MORAIS, M. A. C. R.; CYRINO, S. M. L.; ALKMIM, T. M.; BERLINCK, R. de A.; GUEDES, M. **Mudança gramatical no português de São Paulo: expressão pronominal e preposicional dos argumentos**. Sub-Projeto do **Projeto de História do Português Paulista (PHPP – Projeto Caipira)**. Processo Fapesp 06//55944-0. 2006

VIEGAS, E. M. T. **Preposições de, em, com e para em adjuntos adnominais: uma análise variacionista**. Dissertação de Mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG M. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006.